

O QUE É LEITURA? A VISÃO DA SEMIÓTICA SOCIAL

Maria Alice Andrade de Souza DESCARDECI

Abstract: This paper questions the today's schools' theoretical approach to reading, which imposes to pupils the reading of the written code as the only relevant form of representation for the composition of texts. The social semiotics theory (Kress e van Leeuwen, 1996) is used to argue against it. According to this theory, texts are multi-modal constructs; and forms of representation are culturally determined. Analysis of printed materials collected inside a workplace shows the multimodality of forms of representation of texts.

0. Introdução

Termos que usamos cotidianamente, dado o constante uso e amplo emprego que fazemos deles, perdem a essência de seus significados. Leitura é um desses termos. Quando nos deparamos com a palavra *leitura*, a relacionamos primeiramente à decodificação da forma escrita. Mas decodificar não basta. Há que se interpretar o que se lê. Portanto, *leitura*, em um primeiro momento, vem a significar "decodificação e interpretação de uma mensagem representada pelo código escrito".

No entanto, Paulo Freire nos diz que antes de lermos as palavras, já somos capazes de lermos o mundo (Freire e Macedo, 1987). Que significado tem o termo *leitura* nesse contexto? "O mundo", segundo essa afirmativa, é algo que não está descrito em palavras. Leitura, nesse caso, não significa "decodificação e interpretação do código escrito". Por extensão, pode-se questionar: é possível dizermos que antes de escrevermos as palavras, já somos capazes de *escrevermos* o mundo?

Nesse sentido, devemos re-pensar nosso posicionamento teórico sobre leitura e escrita. O aluno (criança, jovem ou adulto) traz para a escola o conhecimento de um mundo que ele já aprendeu a *ler* e *escrever*, a representar (no sentido de Kress & van Leeuwen, 1996), mesmo desconhecendo o código escrito como forma de representação. Esse conhecimento é complexo em sua estrutura, sendo perfeitamente válido para as interações entre as pessoas.

É conhecido de todos nós o fato de que o aluno traz para a escola alguma habilidade de se expressar oralmente, e de representar suas idéias através de sinais que, ora simulam a escrita, ora não (Kress, 1997), na maioria das vezes tidos como desenhos sem muito significado. A escola tende a não valorizar a representação de mundo que o aluno traz para a sala de aula, impondo-lhe a forma de representação através do código escrito como única, ou a mais eficiente, para a composição de mensagens. Muito rapidamente, a escola tende a substituir essas formas de representação, que são complexas em suas estruturas, e perfeitamente imbuídas de significado, pelo uso do código escrito, relegando-as a um segundo plano de importância. É como se essas não fossem relevantes para o processo de construção do conhecimento do aluno.

Este artigo pretende demonstrar a multimodalidade das formas de representação na composição de textos coletados em um local de trabalho. Objetiva-se alertar para o fato de que os pressupostos teóricos sobre leitura vigentes na escola atual não permitem que se prepare o educando para as demandas de comunicação da sociedade moderna. Isso faz com que indivíduos sofram, dentre outras privações, a exclusão do mercado de trabalho. A escola ainda não se deu conta de que as demandas sociais impostas ao homem moderno estão relacionadas a saber buscar e processar informações; saber adquirir e transferir conhecimentos. E que essas informações e esses conhecimentos são veiculados através de uma variedade de modos de representação, dentre os quais o código escrito é apenas um deles.

1. A multimodalidade das formas de representação

Esse trabalho apoia-se no pressuposto teórico da multimodalidade das formas de representação que compõem uma mensagem. Tal pressuposto é defendido por Kress e van Leeuwen (1996), dentre outros, através de uma linha teórica intitulada *semiótica social*. Segundo essa teoria, sinais são convenções sociais culturalmente dependentes, e constantemente criados e re-criados nas interações.

Para a semiótica social, o texto escrito é multi-modal, isto é, composto por mais de um modo de representação. Numa página, por exemplo, além do código escrito, outras formas de representação como a diagramação da página (*layout*), a cor e a qualidade do papel, o formato e a cor (ou cores) das letras, a formatação do parágrafo etc., interferem na mensagem a ser comunicada. Decorre desse postulado teórico que nenhum sinal ou código pode ser entendido ou estudado com sucesso em isolamento, uma vez que se complementam na composição da mensagem. A opção pelo emprego de umas, e não de outras, formas de representação deve ser entendida em relação ao *uso* que se pretende fazer delas em situações específicas de troca de informações. Por isso, sinais e códigos, dentre eles a língua, estão em contínua transformação através da intervenção de seus usuários, que os tratam como um recurso a ser empregado de acordo com seus interesses e com convenções partilhadas pelo grupo no qual interagem.

A seguir serão analisados, segundo a teoria da semiótica social, alguns materiais coletados em um domínio social de um local de trabalho. O local de trabalho focado é uma Prefeitura no interior do estado de São Paulo. O objetivo da análise desses materiais é mostrar como outras formas de representação presentes em mensagens impressas contribuem para a construção da mensagem como um todo.

1.1 Formulários e tíquetes

O formulário que será analisado aqui foi coletado no viveiro de plantas da Prefeitura (reproduzido na Fig. 2, a seguir).

PLANTARIUM DO DESENVOLVIMENTO URBANIZADO

REQUERIMENTO DE MUDA DE ARBORES

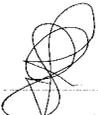
NOME: Sergio Freitas

ENTREGUE POR: Paulo William Norman Nº: 935

QUANTIDADE DE MUDAS: 01 - Uma Muda de viveiro

A RETIRADA DAS MUDAS DEVE SER FEITA PORÉM NO SEXTA-FEIRA DO DIA 12:00 AS 16:00 HORAS. NÃO É NECESSÁRIO PAGAR QUANTO SEJA COLHIDA. ESQUELA: COP. FAX HERBERT. SENDO PORTANTO, NECESSÁRIO A APRESENTAÇÃO DE 19 CASQUINHOS DE CORTA PARA CADA MUDA REQUERIDA.

Concedido em 08 de Setembro de 1994

 + Herbert

FUNCIONÁRIO (A) ASS. REQUERENTE

Figura 2: Formulário de requisição de plantas.

O formulário de requisição de plantas é entregue pelo solicitante ao funcionário que cuida do viveiro de plantas da Prefeitura (um trabalhador braçal¹), que o arquiva para posterior conferência pelo encarregado do setor. Embora o código escrito seja a forma de representação predominantemente utilizada na composição desse formulário, a demanda de leitura resume-se à frase na qual aparece especificado o tipo de planta e a quantidade requeridos pelo solicitante (terceira linha do cabeçalho). Dados de anotações de campo demonstram que na maioria das vezes essa informação é adquirida via oralidade. Não há demanda de escrita para o funcionário do viveiro que lida com esse formulário.

Dadas as características dessa requisição, ela poderia ser lida como uma representação visual, através da qual o funcionário teria apenas que conferir se todas as linhas pontilhadas da folha estariam preenchidas e se as pessoas

competentes teriam assinado seus nomes nos locais designados a essa função. A habilidade para se lidar com representações gráficas aparece como demanda primeira para o uso bem sucedido desse formulário, em relação às demandas de letramento.

Um tíquete utilizado naquele local de trabalho também é objeto de análise nesse artigo, que é o do café da manhã (Fig. 3).

Café da Manhã dia / /	Refeitório do Servidor  Vale 1 café da manhã	Refeitório do Servidor  Reserva de 1 café da manhã
--------------------------	--	--

Figura 3: Tíquete para o café da manhã.

Esse tíquete divide-se em três partes, sendo uma retomável à administração, outra referente ao café da manhã a ser tomado no dia, e a última referente à reserva do café da manhã do dia seguinte. A primeira parte é fixa ao talão, as outras duas são destacáveis, devendo ser entregues aos funcionários do refeitório, quando é servido o café da manhã.

¹ Por trabalhador braçal entende-se aqui aquele que desempenha mão de obra não qualificada, como faxina, serviços gerais, plantio de mudas, limpeza de ruas etc.

A diagramação desse tíquete apresenta sentenças curtas e o emblema da administração da época como formas de representação. O emblema consiste de um logotipo e de um slogan. Este encontra-se no centro das duas partes principais do tíquete. O que difere essas duas partes são as frases que aparecem abaixo do slogan do emblema. Uma delas especifica a validade do tíquete para o café da manhã do dia, enquanto a outra, a reserva para o dia seguinte. O formato e o tamanho das letras que compõem cada uma dessas frases é diferente, sendo esse um outro fator responsável pela particularização de cada parte.

Na prática, as demandas de letramento para utilização desse tíquete são mínimas (ou mesmo inexistentes). Esse material poderia ser utilizado como uma combinação de duas fichas plásticas coloridas, uma vez que seu formato padronizado possibilita aos seus usuários compreenderem a dinâmica de funcionamento desse impresso sem nem mesmo serem solicitados a lerem as palavras nele contidas. A diferenciação das duas partes principais do tíquete através do formato das letras é exemplo disso, pois a escrita nesse caso funciona mais como recurso visual do que propriamente como um texto a ser lido. Em outras palavras, pessoas com dificuldades nas habilidades de letramento podem aprender a usar o tíquete pelo seu aspecto visual.

1.2 Jornais e folhetos

Alguns jornais e folhetos, que circulam no local de trabalho em destaque aqui, são distribuídos também para toda a população da cidade. Os exemplares reproduzidos nesse artigo encaixam-se nessa característica. Eles são escritos e publicados pela Prefeitura. Serão analisados neste artigo o jornal *Nossa Cidade* e o folheto *A Semana*.

1.2.1 Jornal *Nossa Cidade*

O jornal *Nossa Cidade* é um dos três jornais que passam mensalmente pelas mãos dos trabalhadores da Prefeitura. O código escrito, fotografias, desenhos e recursos de cor estão entre as formas de representação utilizadas na composição desse jornal. Cada artigo é composto por uma

combinação de pelo menos três dessas formas. Analisarei primeiramente a utilização do recurso de cor na página de rosto de *Nossa Cidade*, reproduzida na Figura 4, ao lado. Em seguida, farei uma análise de um aspecto semântico do uso de recursos fotográficos nessa mesma página.



Figura 4: Jornal *Nossa Cidade*.

Por ser um jornal produzido pela Prefeitura, para divulgação das obras dessa administração, a cor vermelha contrastando com a cor preta das palavras que compõem os textos e com o preto e branco das fotografias tem uma única função: a de indicar que um prefeito do Partido dos Trabalhadores governa a cidade. O desenho estilizado da cidade em linhas vermelhas no topo da página não só indica o partido político que a governa, mas também informa ao leitor algumas características da cidade, a saber, um local calmo e pitoresco, onde as pessoas têm uma vida tranqüila.

Em segundo lugar, ao observar as fotografias dessa página, o leitor é informado de que a Prefeitura

preocupa-se com educação, crianças e natureza. As demandas de leitura do código escrito que recaem sobre o leitor dessas imagens podem limitar-se a “ser capaz de ler rótulos”, digamos, para o conhecimento mínimo dos assuntos abordados através delas. Em outras palavras, a *leitura* das fotografias, somada à de algumas palavras-chave, como *escola*, *praça* e *infância sadia*, informa ao usuário sobre o conteúdo das notícias dessa página.

Concluindo brevemente essa análise, o grupo de leitores de *Nossa Cidade* pode incluir desde indivíduos altamente familiarizados com o código escrito até aqueles que lêem precariamente algumas palavras, ou mesmo os que não lêem o código. Na realidade, acredito que esse jornal tenha sido produzido para audiências pouco familiarizadas com o código escrito, uma vez que o lema daquela administração era “Governo Popular”, ou seja, voltado para as camadas populacionais nas quais o nível de escolarização costuma ser baixo. Embora essas pessoas não pudessem ler o código escrito, poderiam perfeitamente obter informações através da *leitura* proporcionada pela utilização de outras formas de representação na composição dos artigos.

1.2.2 Folheto A Semana

O folheto *A Semana* circula semanalmente na Prefeitura, encontrando-se disponível nos balcões espalhados pelos corredores, para ser coletado tanto por trabalhadores como por pessoas da população que transitam pelo recinto. *A Semana* é um folheto do tamanho de uma folha A4 cortada verticalmente ao meio, sendo impressa na frente e no verso do papel (vide Fig. 5, abaixo).



frente

verso

Figura 5: Folheto A Semana.

Uma combinação entre o código escrito, desenhos, representações numéricas e recursos de diagramação da página compõem esse folheto, que contém uma estrutura bem definida, conforme observação de vários exemplares deste. O leitor bem sucedido desse folheto deve possuir além da habilidade de leitura do código escrito, a habilidade de interpretação da diagramação da página. Através desta vê-se que a estrutura do folheto reflete as características de uma rotina de trabalho, ou seja, uma vez que as semanas de trabalho obedecem a uma rotina, o folheto *A Semana* procuraria refletir essa rotina através da estrutura de diagramação de suas páginas.

2. Conclusão

Nenhuma demanda de escrita é propiciada por ambos os materiais analisados neste artigo, ou seja, o leitor não é levado a escrever seja no material (preencher um cupom, por exemplo), seja para o material (contribuir com artigos, por exemplo). Sendo assim, os usuários dos materiais descritos acima são consumidores de informação, no sentido de que eles não estão envolvidos na produção desses impressos. As demandas para utilização desses documentos não se encerram nas habilidades de letramento. Como vimos, o reconhecimento visual de alguns deles (do tíquete, por exemplo) leva à sua utilização, com sucesso, sem a necessidade primeira de se conhecer o código escrito. Em outras palavras, as demandas que o trabalhador focado aqui encontra para lidar com materiais impressos em seu local de trabalho por vezes incluem práticas mínimas de leitura e escrita (esta segunda inexistente nos materiais aqui apresentados). De acordo com as análises apresentadas, as demandas de letramento nesse local de trabalho, para trabalhadores em funções não qualificadas, são secundárias em termos de relevância para as situações rotineiras de comunicação.

Quanto ao conceito de leitura, deve-se pensar em noções mais abrangentes, nas quais a capacidade de processar informação transmitida por uma combinação de formas de representação seja considerada. O papel da escola enquanto formadora de leitores deve ser o de apresentar o código escrito como mais uma forma de representação do mundo, valorizada em sociedades letradas; sem contudo isolá-lo de todo um conjunto de formas disponível para a composição de mensagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DESCARDECI, M.A.A.S. (1997): "Resources of communication: a study of literacy demands in a Brazilian workplace". Tese de Doutorado: Institute of Education – University of London.
- FREIRE, P. e MACEDO, D. (1987): *Literacy: reading the word and the world*. London: Routledge & Kegan Paul.
- KRESS, G. e VAN LEEUWEN, T. (1996): *Reading Images. The grammar of visual design*. London: Routledge.
- KRESS, G. (1997): *Before writing. Rethinking the paths to literacy*. London: Routledge.